

PROCESSUALIDADE E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO REVOLUCIONÁRIO: APROPRIAÇÕES DRAMATÚRGICAS E PERFORMÁTICAS DO TEMPO- ESPAÇO POLÍTICO

Clarisse Gurgel¹

RESUMO: Este artigo pretende abordar um tipo de ação política, por nós denominado de ação performática, tendo como objetivo superar seus limites, a partir da noção de processo, como alternativa à dicotomia entre ação espontânea e ação organizada. A partir do conceito que desenvolvemos de ação performática, buscamos compreender o caráter e potencial de ações da esquerda revolucionária centradas no tempo presente e no caráter histriônico e extraordinário do uso espaço como forma de furar o bloqueio midiático e ganhar visibilidade de massa.

Palavras-chave: Sujeito revolucionário. Dramaturgia. Processualidade.

Este artigo pretende abordar um tipo de ação política, por nós denominado de ação performática, tendo como objetivo superar seus limites, a partir da noção de processo, como alternativa à dicotomia entre ação espontânea e ação organizada.

A partir do conceito que desenvolvemos de ação performática, buscamos compreender o caráter e potencial de ações da esquerda revolucionária centradas no tempo presente e no caráter histriônico e extraordinário do uso espaço como forma de furar o bloqueio midiático e ganhar visibilidade de massa. Esta forma de ação adotada pela esquerda revolucionária, como tática de visibilidade em tempos de prevalência da mídia de massa como esfera pública, são, muitas vezes confundidas com ação espontânea, justamente pelas características mais evidentes: o extraordinário e a efemeridade.

Entretanto, há uma outra característica que lhe define: a simulação. As ações centradas em um evento isolado e de demonstração para a mídia podem nos lembrar levantes e motins espontâneos, mas não se tratam disto, quando estamos falando de ação performática. O que define este tipo de ação é a efemeridade, o uso extraordinário do espaço e a simulação. As ações performáticas se apresentam como simulação de acúmulo de forças, como o cume da luta. Tal tática de visibilidade da esquerda procura compensar

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2016.v53n2.07.p113>

¹ Doutora em Ciência Política pelo IESP/UERJ. Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

a ausência de enraizamento real nas suas bases sociais. Assim, é uma simulação de acirramento de ânimos, de radicalização e de força, quando, na verdade, representa seu oposto, o resultado da burocratização das organizações de esquerda, da ausência desses sujeitos coletivos no cotidiano da classe trabalhadora.

Sob o disfarce de ação direta, por trás de um discurso de rejeição de métodos tradicionais das organizações partidárias, revela-se um processo de produção de ações esporádicas, com preparações centralizadas e que não representam de fato nem a adesão da classe trabalhadora, nem mesmo a unidade das bandeiras e reivindicações desta classe. O objetivo deste artigo é, pois, enfrentarmos a falsa dicotomia entre a ação espontânea e a ação organizada, compreendendo que, para tal, é necessário compreender os atributos da ação performática, em especial seu caráter simulador e esporádico.

Quando tratamos da temporalidade da ação performática, abordamos seu caráter efêmero, de concentração no tempo presente, isolado. Mais do que medir o tempo de duração da ação performática, o que está em jogo é a descontinuidade da ação, tal como ela se apresenta. Estamos tratando da velha questão das ações isoladas, que dizem respeito a atos que têm seu início e fim concentrados em um mesmo episódio e sem ligação com outras ações. Lênin, em Cartas de Longe, chama atenção para a necessidade de se fazer a ligação histórica entre a derrota da monarquia tsarista e o começo do incêndio revolucionário. Tal ligação histórica foi a mesma que fortaleceu o Soviete de Operários Deputados de Petrogrado, que, durante o governo provisório, ainda pouco desenvolvido, procurou ligação com os soldados e camponeses, bem como com os operários agrícolas.

A ligação de que fala Lênin, porém, não corresponde apenas à conexão a ser estabelecida entre as ações, mas também à necessidade de diálogo de tais ações com as condições materiais e políticas da classe trabalhadora. Razão pela qual Lênin adverte, em fevereiro de 1917, que “(...) falar hoje de luta decisiva significa estimular as ações isoladas, que favoreceriam apenas a contra-revolução...”² Deste modo, apologias à vitória e caracterização ilusórias da força do movimento revolucionário poderiam levar a ações isoladas que acabariam por fortalecer o adversário.³ Neste sentido é que entedemos as

² LÊNIN, Wladimir. A propósito das Palavras de Ordem. In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p.74;

³ Segundo Lênin, isto teria se dado na Alemanha do início do século XX, em que “ (...) casos isolados de motins nas tropas, (...) tão pequenos, tão dispersos, tão fracos,” eram abafados, silenciados, “(...) e isto foi o principal para impedir o contágio maciço das ações sediosas.” LÊNIN, Wladimir. A Crise Amadureceu. In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 140;

observações de Lênin, quanto ao momento que sucedeu à derrubada do tsarismo. Nas Teses de Abril, Lênin destaca que, enquanto o momento se caracterizava como de máxima legalidade, de ausência de violência contra as massas e pelas relações de confiança destas com o governo dos capitalistas, os revolucionários estavam em minoria. Nesses marcos, Lênin afirmará: “enquanto estivermos em minoria, desenvolveremos um trabalho de crítica e esclarecimento dos erros...”⁴ E completa: “é preciso esclarecê-los sobre seu erro de modo particularmente minucioso, paciente e perseverante.”⁵

O caráter isolado da ação possui, portanto, relação com a caracterização atribuída ao contexto da luta ou à caracterização que se busca atribuir ao contexto. Ao procurar imprimir uma ilusão de força e combatividade, a ação performática concentra-se em um só evento, de modo a simular que aquele ato é o grande gesto, fruto da ligação entre sucessivas ações. O contágio se daria pela veiculação na mídia de massa.⁶ O trabalho de crítica e esclarecimento perseverantes perde lugar diante da falsa impressão de um acúmulo de forças. Por esta razão é que a efemeridade da ação possui interlocução direta com seu caráter simulador.

A ação performática parece resultar, portanto, da expropriação do tempo-espaço político dos atores revolucionários. As ações efêmeras, simuladoras de força e em busca de visibilidade de massa dialogam com a tentativa de sujeitos coletivos escaparem do estigma da burocratização e do elitismo atribuídos às organizações partidárias. Assim, os sujeitos simulam presença nas ruas, procurando imprimir em suas ações uma “dinamicidade”. A ação performática, como simulação de força, através de atos isolados, dispensa o trabalho de organização de base e reproduz uma dinâmica de preparação de eventos, ao estilo de empresas produtoras de entretenimento.

Deste modo, como alternativa à ação performática, isolada, simulada, acreditamos na necessidade das ações contínuas como geradoras de rupturas. Isto não significa a precedência necessária entre organização e espontaneidade, mas sim na importância de a ação contagiar outras, pela repetição como atualização. Mas não somente isto. A alternativa à ação performática se encontra na continuidade das ações,

⁴ LÊNIN, Wladimir. Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução (Teses de Abril), In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 65;

⁵ Idem., p.67.

⁶ Isto não quer dizer que o contágio dispense os veículos de comunicação. Ao contrário. No período que antecedeu a revolução de outubro de 1917, os bolcheviques contavam com duas dezenas de jornais que cumpriam esta tarefa. A questão que está colocada é sobre os detentores dos meios de comunicação que, segundo Marx, atuam como meios de produção espiritual.

sejam elas já organizadas ou ainda espontâneas, e em grandes gestos, sintetizadores destas ações combinadas. Por esta razão é que afirmamos que a constatação dos limites da ação performática não implica na rejeição da ideia de gesto como sintetizador das ações revolucionárias. Como alternativa à dicotomia entre espontâneo e organizado, adotamos a ideia de processo, tal como se encontra em Lukács, em *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. É o processo que dará sentido aos gestos, tal como vemos, na psicanálise, a repetição como aquilo que dá sentido às coisas, como destaca Luiz Alfredo Garcia-Roza, em *Acaso e Repetição em Psicanálise*, ao abordar o *mythos*, a narrativa dos começos, da ordem primeira, do lugar inabitado pelos homens e pelos deuses, anterior ao primeiro dia e à primeira palavra:

“Esses acontecimentos primordiais, uma vez produzidos, transformam-se em modelos para a conduta dos homens. O homem das culturas arcaicas e primitivas repete este modelo, sendo que é através desta repetição que os fatos do cotidiano ganham sentido e realidade. Os acontecimentos do mundo não possuíam realidade em mesmos, mas apenas na medida em que repetiam acontecimentos pretéritos”⁷

E completa: “o que não é repetição permanece imerso no caos, carecendo de sentido e de realidade.”⁸ Segundo Lukács, nas fases iniciais do desenvolvimento humano, em que a vida cotidiana é regulada por tradições e costumes, é forte na consciência dos homens um caráter estático-estável. O apelo ao passado,

“(...) o exemplo das experiências acumuladas, tornadas tradicionais, transforma-se necessariamente em fio condutor das decisões entre alternativas atuais, no interior e por meio de cujas realizações o homem em formação (vem a ser educado) para tornar-se um membro efetivo e próprio da sociedade humana.”⁹

Este caráter estático não se deve, segundo Lukács, apenas aos limites da ciência e, por consequência, da filosofia, como recurso para a superação das barreiras da natureza. Haveria uma forma insuprimível de coisa, atribuída ao mundo externo, correspondente às

⁷ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e Repetição em Psicanálise – Uma Introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p.27;

⁸ *Idem.*, p.28.

⁹ LUKÁCS, Gyorgy. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2010, p.130;

objetividades dadas aos homens. Isto explicaria a tendência à coisificação de tudo, inclusive do ser. Em suas palavras, “essa “coisa” pode tanto ser produto da natureza como resultado do trabalho, e, dada a importância enorme que o trabalho (produção e transformação das “coisas”) tem no devir homem do homem, fica evidente a analogia (...)”.¹⁰ Lukács defende a concepção do ser como processo, sem com isto ignorar unicidades últimas. A processualidade teria um caráter sintético, de criadora de formas objetivas, ainda que de tipos diferentes e provisórios. Deste modo, o processo surge como uma tentativa de superação dessa dualidade falsa, “coisa” e “energia”, “estático” e “dinâmico”. Enquanto a coisidade, segundo Lukács, representa formas objetivas reduzidas ao mais geral e desprovidas de conteúdo, o ser em processo é auto-determinado, autônomo. Mas, ainda que seja um processo, é um ente concreto efetivo, em que todas as qualidades do mundo material estão presentes, o estruturando, como intermediações ontológicas e provisórias, do mundo material, contingente. Assim, o que está em jogo é a constituição do sujeito revolucionário tendo como superada a divisão entre os fatores espontâneos, impulsivos, e os organizados, estruturantes, em seu processo constituinte.¹¹

A solução trazida por Lukács, centrada no processo e em seu poder constituinte, nos auxilia, portanto, na tentativa de superar o impasse entre duas alternativas: 1) a coisificação do sujeito revolucionário, a partir de sua institucionalização; ou 2) a crença em um dinamismo autônomo, a partir de sua imanência instituinte. Superar este impasse nos auxilia a enfrentar a dicotomia entre espontâneo e organizado e a compreender o gesto como sintetizador do processo. Debruçando-se sobre o processo de constituição do sujeito, também a psicanálise rejeita esta oposição. Para Lacan, por exemplo, o ato-falho seria a ação inconsciente, espontânea, que se dá a partir do processo repetido de análise. A análise seria, pois, o processo de organização da subjetividade, através da elaboração e da liberação do inconsciente. Segundo Lacan, a análise corresponderia ao eterno retorno do analisante ao nó patogênico, sendo este nó o vazio na constituição da subjetividade. Este eterno retorno corresponderia à compulsão pela repetição comum no processo de constituição da subjetividade. Compulsão esta a que Lacan atribui um papel de inércia

¹⁰ Idem, p.130.

¹¹ Quando falamos na constituição de um sujeito revolucionário, estamos conscientes das dificuldades apresentadas por Althusser quanto a figura do Sujeito na dialética hegeliana. Com efeito, Althusser afirma que a história é um “processo sem sujeito nem fim(s)”. No entanto, o alvo de Althusser é o Sujeito da dialética idealista, transcendente com relação as lutas sociais e ação política. Em Hegel, é a própria Ideia ou conceito que se autoconstitui como Sujeito, o que é inseparável da finalidade dessa autoconstituição: a superação das contradições do ser no absoluto.

simbólica, determinada pelo pensamento inconsciente. Repetir a experiência traumática é o que permite, segundo Lacan, o deslocamento do sujeito para uma nova posição, em face da ausência, do vazio em sua subjetividade. Este salto, este deslocamento, que atua como uma ruptura, dá-se graças à repetição.

A repetição como liberdade, como insistência libertadora, tal como sugeriu Kierkegaard, é a repetição que implica em variantes, como o exemplo freudiano da criança, que revela seu recalque diante do abandono da mãe, repetindo o gesto de mandar embora seus brinquedos. A repetição deste gesto é a variação inconsciente do abandono. Assim, diferente de repetição tal como cantilena, repetição aparece como forma de revelar o trauma.¹² Deste modo, a repetição é adotada por nós como tática para o contágio e a ligação de que fala Lênin, em que a estrutura constrói as condições para a ruptura. Esta repetição não como reprodução, mas como atualização, de tal forma que ao atualizar, ao repetir, engendram-se forças para a ruptura revolucionária, constitui-se sujeitos estruturados para a ação disruptiva. Este é o caminho que nos permite tratar da organização e da espontaneidade como fatores que devem se retroalimentar.

Lênin, em Cartas de Longe, afirma: “Na ordem do dia a tarefa é organização, de modo nenhum no sentido estereotipado do trabalho de formar organizações estereotipadas, e sim no sentido de atrair massas das classes oprimidas em uma amplitude sem precedentes para uma organização que poderia assumir as tarefas militares, políticas e econômicas do Estado.”¹³

Observamos aqui uma articulação entre as lições a serem aprendidas na experiência da luta e o desafio de forjar uma organização capaz de cumprir tarefas do Estado. A noção de processo sugere que esta articulação feita por Lênin requer a superação de uma crença na precedência necessária da organização para a iniciativa da luta e na ausência de necessidade de organização para dar continuidade, força e consequência à luta. Neste sentido, recuperamos o debate acerca dos Sovietes de Deputados Operários como a organização dos operários, tal como defendida por Lênin,

¹² A distinção entre Hegel e Kierkegaard acerca da repetição deve ser abordada por nós, dado que se encontra no tema da totalidade. Para Hegel, a verdade não é um dado, mas algo que se alcança no processo. Este processo, ao mesmo tempo, a produz e a revela. Num primeiro momento, o fenômeno é considerado enquanto vivio, em um segundo momento, o do desvelamento e o da releitura, o fenômeno é incluído na toralidade do Espírito, que revela sua verdade.

¹³ LÊNIN, Wladimir. Cartas de Longe, In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p.54;

em suas Cartas de Longe.¹⁴ Segundo Lênin, os Sovietes representavam a alternativa à organização habitual. Tratava-se de uma organização completamente diferente, que tomou o caminho apontado pela experiência da Revolução de 1905 e da Comuna de Paris. Disto compreende-se que foi da luta que se engendraram alternativas a organizações habituais. Assim, é a partir do processo da luta que se permite identificar o caráter e potencial dos sujeitos. Razão pela qual os camponeses – estes mesmos atores muitas vezes vistos com receio por Lênin, por seu perfil pequeno-burguês, e que, segundo Marx, elegeram o segundo 18 de Brumário – foram tidos por Lênin, na insurreição de julho de 1917, como aqueles que ajudaram a acelerar o processo revolucionário de Outubro, capturando áreas de latifúndios, destruindo e queimando mansões de latifundiários e confiscando estoques de grãos.

O debate, portanto, em torno da coisificação do sujeito revolucionário e do dinamismo autônomo do movimento sofre várias transformações à medida que se leva em conta o processo. É na reflexão acerca da revolta dos tecelões da Silésia que Karl Marx, em *Lutas de Classe na Alemanha*, denuncia a burocratização dos partidos. Em suas palavras,

“(...) onde quer que haja partidos políticos, cada um deles verá a razão de todo e qualquer mal no fato de seu adversário estar segurando o timão do Estado. Nem mesmo os políticos radicais e revolucionários procuram razão do mal na essência do Estado, mas em uma determinada forma de Estado, que querem substituir por outra forma de Estado.”¹⁵

O mesmo Marx que, em 1850, escreve a Mensagem do Comitê Central à Liga (dos comunistas), exaltando o papel do partido comunista nos dois anos de revolução, 1848 e 1849,¹⁶ chama atenção para o caráter distinto das revoltas na Alemanha, em relação às ocorridas na Inglaterra e na França. Segundo Marx, o caráter teórico e consciente com que terminam as revoltas britânicas e francesas é o mesmo caráter com

¹⁴ Conferir LÊNIN, Wladimir. Cartas de Longe, In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 33;

¹⁵ MARX, Karl. *Lutas de Classe na Alemanha*. São Paulo: Boitempo, 2010, p.38;

¹⁶ “Nos dois anos de revolução, 1848 e 1849, a Liga se afirmou de duas maneiras: em primeiro lugar, porque, em toda parte, os seus membros intervieram energicamente no movimento e porque compuseram a linha de frente na imprensa, nas barricadas e nos campos de batalha, integrando as fileiras da única classe decididamente revolucionária: o proletariado.” MARX, Karl. Mensagem do Comitê Central à Liga (dos comunistas). In *Lutas de Classe na Alemanha*. São Paulo: Boitempo, 2010, p.57;

que se iniciam as revoltas dos tecelões da Silésia. Do mesmo modo, vemos Rosa Luxemburgo denunciando a burocratização do Partido Social-Democrata Alemão, que, em face das greves do início do século XX, defendia a luta somente após a organização. Assim como veremos Lênin alertando para a necessidade de renovação das forças partidárias, através da luta, da efervescência das massas, “que se manifestou tanto na cisão dos partidos oficiais como em publicações ilegais e na forma de manifestações de rua”,¹⁷ da greve nacional dos ferroviários, de outubro de 1917, que apavorou o governo provisório, das 166 manifestações das jornadas de julho, que levaram o povo para o lado dos bolcheviques.

Instinto Social de Classe e Consciência Política

A superação de dicotomias tais como coisa e energia, organização e espontaneidade, passa pelo tema do instinto social de classe e da consciência política. Em *Lutas de Classe na Alemanha*, Marx acusa o entendimento político, quando no início do movimento, de iludir o instinto social. Em suas palavras:

“(…) Quanto mais culto e universal for o entendimento político de um povo, tanto mais o proletariado – ao menos no início do movimento – desperdiça suas forças em rebeliões insensatas, inúteis e sufocadas em sangue. Por pensar na forma política, ele vislumbra a causa de todas as mazelas na vontade e todos os meios para solucioná-las na violência e na derrubada de uma determinada forma de Estado. Prova: as primeiras rebeliões do proletariado francês. Os trabalhadores de Lyon acreditavam estar perseguindo apenas propósitos políticos, pensavam ser apenas soldados da república, quando na verdade eram soldados do socialismo. Desse modo, seu entendimento político toldou-lhes a visão para a raiz da penúria social, desse modo, ele falsificou a compreensão do seu real propósito, de maneira que o seu entendimento político iludiu o seu instinto social.”

Isto se deve ao que Marx chamou de caráter mesquinho da revolta política:

¹⁷ LÊNIN, V. L. *Cartas de Longe*, In ZIZEK, Slavoj. *Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2005, p.139;

“(...) a comunidade, em relação a qual o trabalhador está isolado, possui uma realidade e uma dimensão bem diferentes daquelas que são próprias da comunidade política. Essa comunidade, da qual o seu próprio trabalho o separa, é a vida mesma, a vida física e espiritual, a moralidade humana, a atividade humana, o usufruto humano, a condição humana. A condição humana é a verdadeira comunidade dos humanos. O funesto isolamento em relação a essa condição é incomparavelmente mais abrangente, mais insuportável, mais terrível e mais contraditório do que o isolamento em relação à comunidade política; na mesma proporção, a eliminação desse isolamento e até mesmo uma reação parcial a ele, uma revolta contra ele, tem um alcance infinitamente maior, assim como o ser humano é infinitamente maior do que a vida política. Em consequência, por mais parcial que seja, a revolta industrial comporta uma alma universal e, por mais universal que seja, a revolta política abriga, sob sua forma mais colossal, um espírito mesquinho.”¹⁸

Ainda que afirmem estarmos tratando de um Marx que superou seu encantamento pelo sufrágio universal, o que há de importante neste debate é a necessidade de a luta se converter em força para impulsionar o instinto social da classe trabalhadora. A preocupação de Marx parece residir na burocratização da luta eminentemente política. Razão pela qual se dedica a rebater Ruge, em face da afirmação de que “Uma revolução social sem alma política (isto é, sem a noção organizadora da perspectiva do todo) é impossível”.¹⁹

Ao contrário, para Marx,

“(...) uma revolução social encontra-se na perspectiva do todo – mesmo que ocorra em um único distrito fabril – por ser um protesto do ser humano contra a vida desumanizada, por partir da perspectiva de cada indivíduo real, porque a comunidade contra cujo isolamento em relação a si o indivíduo se insurge é a verdadeira comunidade dos humanos, a saber, a condição humana. Em contrapartida, a alma política de uma revolução consiste na

¹⁸ MARX, Karl. Lutas de Classe na Alemanha. São Paulo: Boitempo, 2010, p.50;

¹⁹ Idem., p.50;

tendência das classes sem influência política de eliminar seu isolamento em relação ao sistema estatal e ao governo. Sua perspectiva é o Estado, a de um todo abstrato, que somente ganha existência pelo isolamento em relação à vida real, que é impensável sem a contraposição organizada entre ideia universal e existência individual do ser humano. Conseqüentemente uma revolução de alma política também organiza, em conformidade com a natureza restrita e contraditória dessa alma, um círculo dominante na sociedade, à custa da sociedade.”²⁰

Marx está combatendo as ilusões e encantos das instituições burguesas que, diferentes da Rússia de Lênin, já se encontravam fortes e consolidadas na Alemanha. Assim, é preciso que entendamos que o debate acerca desta polarização – instinto social de classe e consciência política – encontra sua raiz nas reflexões acerca da estratégia revolucionária – se restrita à substituição das forças no Estado – e no trabalho revolucionário – de permanente diálogo com as mazelas produzidas pelo capital no cotidiano da classe trabalhadora. Estamos, pois, diante do tema da burocratização, seja nos marcos da estratégia em face do aparelho burocrático, seja em face do dia-a-dia da luta militante.

Mais do que a dicotomia entre luta política e luta econômica, o que Marx parece sinalizar é para a importância da luta no local de trabalho, conforme o instinto social, e a necessidade de superação da forma de organização do Estado, com a devida articulação entre essas duas dimensões, econômico-social e econômico-político:

“A fusão do Estado antigo com a escravidão antiga – antíteses clássicas declaradas – não era mais íntima do que a do Estado moderno com o moderno mundo da barganha – antíteses cristãs dissimuladas. Se quisesse eliminar a impotência de sua administração, O Estado moderno teria de eliminar a atual vida privada. Se ele quisesse eliminar a vida privada, teria de eliminar a si mesmo, porque ele existe tão somente como antítese a ela.”²¹

²⁰ Idem., p. 50;

²¹ MARX, Karl. Lutas de Classe na Alemanha. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 40;

É por isto que Marx não abandonará a noção de política como elemento ativo de libertação com a cautela, porém, de alertar para o político como contradição entre o público e o privado na sociedade de classe. Neste sentido é que ele afirma: “Toda e qualquer revolução dissolve a antiga sociedade, nesse sentido, ela é social. Toda e qualquer revolução derruba o antigo poder, nesse sentido, ela é política.”²²

Deste modo, o desafio enfrentado por Marx parece ser o mesmo de Lênin e de Rosa Luxemburgo, acerca da burocratização. Todos os três partem da relação entre a luta e a organização para enfrentarem o tema da burocracia. Ainda que as conclusões de Rosa pareçam caminhar para uma sobrevalorização do caráter imanente da luta revolucionária, veremos que o ponto de partida é comum.

Rosa Luxemburgo, em *Greve de Massa, Partido e Sindicato*, entendia a greve de massa como aquilo que é produzido pela revolução e não aquilo que produz a revolução. Por esta razão é que, contra a Social-democracia Alemã, que afirmava a necessidade de, antes de sair para a luta, os trabalhadores se organizarem, Rosa defendia a greve de massa como um fenômeno natural que se apoiava na revolução.²³ A greve de massa seria, pois, a primeira forma natural e impulsiva de toda grande luta revolucionária da classe trabalhadora, cujo ponto culminante é o conflito franco com o poder estatal armado, as barricadas.

Rosa estabelece a seguinte polarização: de um lado, o instinto desorganizado, do outro, o instinto organizado. Se para Marx, o instinto social é ameaçado pela luta política, para Rosa, a organização representa esta ameaça. Razão pela qual Rosa assume o papel de apologista da desorganização, quando afirma “ (...) por mais paradoxal que pareça, o instinto de classe do proletariado mais jovem, menos treinados, menos educados e ainda menos desorganizados da Rússia é muitíssimo mais forte que o da classe trabalhadora organizada, treinada e esclarecida da Alemanha ou de qualquer outro país da Europa Ocidental.”²⁴ Isto, segundo Rosa, não se devia a diferenças entre um oriente jovem e enérgico e um ocidente entorpecido, mas sim pelo resultado da mobilização massiva revolucionária direta. Por esta razão é que Rosa combaterá a dupla filiação, no partido e no sindicato. Ainda que Rosa identifique riscos de burocratização dos dirigentes sindicais, absorvidos pela luta econômica, seria a filiação sindical a solução para o trabalhador

²² Idem., p.51;

²³ Idem., p.35;

²⁴ LUXEMBURGO, Rosa. Huelga de masas, partido y sindicatos In <http://www.marxists.org/>, p.34;

social-democrata proveniente das massas. A dupla filiação representava para Rosa uma unidade superestrutural, entre os dirigentes das organizações partidária e sindical. Para Rosa a garantia da verdadeira unidade do movimento da classe trabalhadora se encontrava na base, entre as massas proletárias organizadas. Massas essas que parecem lembrar o povo filosófico observado por Marx, em Luta de Classe na Alemanha.

Rosa não dispensa a necessidade da consciência de classe, mas ela é alcançada pelo que chamou de escola política viva. Em suas palavras,

“O absolutismo na Rússia deve ser derrubado pelo proletariado. Mas, para ser capaz de fazê-lo, o proletariado precisa de um alto nível de educação política, de consciência de classe e organização. Estas condições não são conseguidas com brochuras e folhetos, mas só com a escola viva política, na luta e para a luta, no processo em curso da revolução. Além disso, ele não pode derrubar o absolutismo no momento em que se quer, só com o "esforço" e "perseverança”.²⁵

Observemos que Rosa parece identificar uma imanência do processo que, por sua continuidade – não por sua duração, não por perseverança, nem por esforço, desenvolve-se como a escola. Rosa sugere que a “escola viva da experiência” é que ensina o partido. A greve de massa criava as condições para a luta política diária do proletariado.

“Antes que se deem as chances de derrubar o absolutismo deve ser formado no interior do país a Rússia burguesa, com suas divisões de classe modernos. Isso requer o agrupamento das diferentes camadas sociais e interesses, bem como a educação dos partidos proletários revolucionários, bem como o dos liberais, radicais pequeno-burguês, conservadores e reacionários. Exige consciência de si, conhecimento de si, consciência de classe, não só de setores populares, mas também das camadas burguesas. Estas também podem ser estabelecidas e amadurecerem só na luta, no processo de revolução, na escola viva da experiência, enfrentando-se com o proletariado e entre elas mesmas em um confronto interminável.”²⁶

²⁵ Idem., p.15.

²⁶ Idem., p.15.

Toda a questão para Rosa se encontra na crítica à burocratização do partido socialdemocrata alemão. Critica esta que ganha contornos de crítica à organização. Por esta razão é que Rosa inverte a lógica dos partidos e afirma “(...) a organização não fornece tropas pra a luta. Ao contrário, a luta que fornece efetivos para a organização.”²⁷ A tensão se encontra naquilo que Rosa polarizou entre direção técnica e direção política. Direção técnica diz respeito a tentativas, segundo Rosa, de a Social-Democracia Alemã produzir táticas premeditadas, “receitas”, que acabam por deter os acontecimentos históricos. Direção política, por sua vez, não se trata da preparação da greve de massa, mas sim da tarefa de informar ao proletariado de suas táticas e objetivos para as próximas etapas da luta como um todo. Rosa está preocupada com a subestimação do proletariado por parte da Social-Democracia Alemã. Subestimação esta que resultaria em táticas vacilantes, debéis, que paralisam e confundem as massas. Em suas palavras,

“A concepção pedante, que afirma que os grandes movimentos populares são desenvolvidos de acordo com os planos e receitas, considera essencial que, antes de "ousar pensar" em um ataque em massa na Alemanha, que os trabalhadores ferroviários devem conseguir o direito de sindicalização. Mas o verdadeiro curso natural dos acontecimentos é exatamente o oposto desse conceito: o direito de organização, tanto para os trabalhadores dos correios quanto para os da estrada de ferro só pode conceder-lhe uma mobilização grevista de massa poderosa. E os problemas que, na realidade atual da Alemanha, resultam insolúveis encontram solução rápida, sob a influência e a pressão de uma mobilização geral político do proletariado.”²⁸

A greve geral se apresenta em Rosa como o grande ato, uma espécie de grande gesto, sintetizador das lutas políticas. Brecht, em *A short organum for the theatre*, apresenta uma noção de gesto que nos auxilia na compreensão da importância da história para que o ato se apresente tal como esta síntese sugerida por Rosa. Nas palavras de Brecht,

“O conjunto de atitudes adotadas pelos personagens em relação uns aos outros é o que chamamos de campo do gesto ... As atitudes que as pessoas adotam umas para com

²⁷ Idem., p.33.

²⁸ Idem., p.30.

as outras incluem até mesmo aquelas atitudes que pareceriam ser bastante particulares, como as expressões de dor física em uma doença, ou de fé religiosa. Estas expressões de um gesto que visam sugerir algo normalmente são bastante complicadas e contraditórias, para que elas possam ser executadas por qualquer palavra e o ator deve tomar cuidado para que, ao dar à sua imagem a ênfase necessária, ele não perca nada, mas enfatize todo o complexo.”

E mais:

“Dividindo tais materiais em um gesto após o outro, o ator domina seu personagem se primeiro dominar a 'história'. É só depois de andar durante todo o episódio inteiro que ele pode, como se fosse por um único pulo, apreender e fixar seu personagem, completo com todos os seus recursos individuais. Uma vez que ele fez o seu melhor para deixar-se surpreender com as inconsistências em suas diferentes atitudes, sabendo que ele vai ter que, por sua vez, surpreender o público com elas, então a história como um todo dá-lhe uma chance de unificar as inconsistências; pois a história, sendo um episódio limitado, tem um sentido específico, i. e., apenas rabisca uma fração específica de todos os interesses que poderiam surgir (...) Tudo se apoia na "história"; ela é o coração da performance teatral. Pois é o que acontece entre as pessoas que lhes fornecem todo o material que eles podem discutir, criticar, alterar. Mesmo se a pessoa em particular representada pelo ator acabe por se encaixar de maneira impressionante atingindo realização em certa pessoa, a 'história' é a grande operação do teatro, a articulação completa de todos os incidentes gestivos, abraçando as comunicações e os impulsos que devem ir agora criar o entretenimento do público”²⁹

Para Brecht, gesto é o conjunto de atitudes adotadas pelos personagens em relação uns aos outros. A história como um todo é que unifica as ações, que, isoladas, são inconsistentes. Em nossos termos, o gesto é a síntese sublinhada de uma história.

²⁹ BRECHT, Bertold. A short organum for the theatre, Brecht on Theatre: The Development of an Aesthetic. London: Methuen, 1964, p.200;

A despeito das divergências entre Lukács e Brecht, em especial em relação ao debate em torno do realismo, devemos observar que ambos possuem uma compreensão da ação como algo a ser implicado em uma totalidade. Isto não significa que a organização não deva nascer como produto da luta, tal como Rosa Luxemburgo defendia. Como atenta Lukács, o erro de Rosa Luxemburgo foi o de “sobrevalorizar o caráter orgânico desse processo (...)”³⁰ O que está em jogo aqui é a articulação entre a ação espontânea e a previsão teórica consciente, tal como sugere Lukács, em *História e Consciência de Classe*. A organização como mediação entre teoria e práxis, em Lukács, explica o processo de constituição do sujeito, sendo falaciosa a dicotomia organização/espontaneidade. Ainda que Lukács abuse do termo “consciência” é importante chamarmos atenção para o fato de que uma possível hierarquia entre consciência e inconsciência, que possa nos remeter a leituras iluministas das classes atrasadas, não prejudica nosso foco que é o de interligar ação espontânea e organização, através da compreensão dessas duas dimensões como constitutivas do sujeito revolucionário. Ademais, a esfera do inconsciente, que a nós é importante, dialoga com esta dimensão espontânea da ação política de que Lukács fala e, cujo tema, a tanto Rosa se dedicou.

Em seu texto *Sobre as Greves*, escrito em 1899, Lênin identifica no processo espontâneo da luta a tomada de consciência da necessidade da organização. As greves seriam exemplos desta consciência: “(...)Vendo que cada um deles por si só é absolutamente impotente e vive sob a ameaça de perecer sob o jugo do capital, os operários começam a erguer-se, juntos, contra seus patrões. Dão início às greves operárias.”³¹

É certo que Lênin trata do que chamou de indignação sem ideia clara do que se procura. Tratava-se, portanto, de ação sem projeto. Diríamos, entretanto, que, ainda que se tratasse de instinto sem consciência, a produção desta consciência não se daria em separado do próprio instinto e da própria luta. Assim, Lênin chama atenção para a necessidade não só de ligar as ações, mas de ligar tais ações a um plano de sociedade.

“A princípio é comum que os operários não tenham nem sequer, uma ideia clara do que procuram conseguir, não compreendem porque atuam assim: simplesmente quebram as máquinas e destroem as fábricas. A única coisa

³⁰ LUKACS, Georgy. *História e Consciência de Classe – Estudos sobre a Dialética Marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.558;

³¹ LÊNIN, V. L. *Sobre as Greves*. In www.marxists.org, p.3.

que desejam é fazer sentir aos patrões a sua indignação: experimentam suas forças mancomunadas para sair de uma situação insuportável, sem saber ainda porque sua situação é tão desesperada e quais devem ser suas aspirações”.³²

Deste modo, é possível vermos em Lênin uma referência na luta, em sua experiência, como geradora de lutas emancipatórias: “Em todos os países, a indignação começou com distúrbios isolados, com motins, como dizem em nosso país a polícia e os patrões. Em todos os países, estes distúrbios deram lugar, de um lado, a greves mais ou menos pacíficas e, de outro, a uma luta de muitas faces da classe operária por sua emancipação”. O significado da greve na luta de classe operária era, pois, o de unidade necessária para os operários desorganizados se tornarem capazes de impor resistência aos patrões. A greve, digamos, atua como espelho e como refletor, retira o operário do silêncio e contagia grevistas e

“operários de fábricas vizinhas ou próximas, ou das fábricas do mesmo ramo industrial. Nos tempos atuais, pacíficos, o operário arrasta em silêncio sua carga. não reclama ao patrão, não reflete sobre sua situação. Durante uma greve, o operário proclama em voz alta suas reivindicações, lembra aos patrões todos os atropelos de que tem sido vítima, proclama seus direitos, não pensa apenas em si ou no seu salário, mas pensa também em todos os seus companheiros que abandonaram o trabalho junto com ele e que defendem a causa operária sem medo das provocações”.³³

Havia, portanto, uma crença na influência moral e contagiante das greves. Crença esta que permitiu a Lênin superar a lógica da Social-Democracia Alemã. Segundo Lênin, “É muito frequente que, antes de uma grande greve, os operários de uma fábrica, uma indústria ou uma cidade qualquer, não conheçam sequer o socialismo, nem pensem nele, mas que depois da greve difundam-se entre eles, cada vez mais, os círculos e as associações, e seja maior o número dos operários que se tornam socialistas”.³⁴

Neste sentido é que para Lênin a greve ensina. O caráter educador da greve, atribuído por Lênin, expressa-se na capacidade da greve de abrir os olhos dos operários não só quanto aos capitalistas, mas também ao que se refere ao governo e às leis. Neste

³² Idem., p.3.

³³ Idem., p.4.

³⁴ Idem, p.4.

sentido é que as greves ensinam os operários a unirem-se. Mas se para os socialistas as greves são como "escola de guerra", Lênin faz uma ressalva:

“(...) a "escola de guerra" ainda não é a própria guerra. Quando as greves alcançam grande difusão, alguns operários (e alguns socialistas) começam a pensar que a classe operária pode limitar-se às greves e às caixas ou sociedades de resistência, que apenas com as greves a classe operária pode conseguir uma grande melhora em sua situação e até sua própria emancipação. Vendo a força que representam a união dos operários e até mesmo suas pequenas greves, pensam alguns que basta aos operários deflagrarem a greve geral em todo o país para poder conseguir dos capitalistas e do governo tudo o que queiram. Esta opinião também foi expressada pelos operários de outros países quando o movimento operário estava em sua etapa inicial e os operários ainda tinham muito pouca experiência.”³⁵

Assim, as reflexões de Rosa, de Lênin e de Marx acerca da burocratização dos partidos e do instinto como fator impulsionador da luta e da própria organização da classe trabalhadora adquirem consequências distintas. Vemos em Marx e em Lênin a crença na organização partidária como o fator de ligação entre as lutas. Em Rosa, é a greve de massa que cumpre este papel, o sindicato, por sua vez, assume feições de sujeito histórico e o partido adquire caráter dirigente a posteriori. A despeito destas distinções, observamos que é necessário preservar a vitalidade da luta e é indispensável o contágio entre as lutas para que elas dêem o salto de qualidade, façam o deslocamento. Marx, Rosa e Lênin possuíam esta mesma preocupação, de tal modo que o instituinte e o instituído se articulassem no processo de luta. Esta era forma, talvez, identificada por todos como meio de superação da ameaça da burocratização.

Repetição como articulação entre o instituinte e o instituído

Acreditamos que o contágio de que fala Lênin requer recursos de repetição, tais como veículos de propaganda e estrutura organizacional. Entretanto, é preciso pensar – e esta parece ter sido a inquietação dos autores acima – formas de repetir que produzam o novo. Em que medida, portanto, a repetição tal como se apresenta no processo de psicanálise nos auxilia nesta articulação entre o instituinte e o instituído?

³⁵ Idem, p.5.

Nas palavras de Lacan, “lá onde estava o sujeito, o sujeito deve advir. E para saber que se está lá, só há um método, que é de discriminar a rede e, uma rede se discrimina como? É voltando, retornando, cruzando seu caminho, que ela se cruza sempre do mesmo modo (...).”³⁶ Este é o dispositivo da repetição. Esta repetição é uma espécie de memorização, algo que nos vem das necessidades de estrutura. Significa dizer que a constituição do campo do inconsciente, nas palavras de Lacan, “(...) se garante pelo *Wiederkehr*”,³⁷ pela função do retorno. Repetição, portanto, aparece para nós como uma dinâmica necessária para que as ações dos sujeitos constituídos alcancem a catarse. Catarse esta que deve resultar na mudança de posição deste sujeito. Portanto, aquilo que estrutura é aquilo que produz a ruptura. A repetição é o dispositivo que permite esta vinculação da estrutura com a ruptura. É ela também, pois, que conecta as ações estruturantes com as ações disruptivas. A repetição, segundo Lacan, é uma compulsão do indivíduo por reviver ações produtoras de vazios, de lacunas. Esta repetição, portanto, surge como processo de elaboração na prática, em um eterno retorno ao vazio constituinte do sujeito. Este eterno retorno é o que organiza o sujeito e é o que permite o deslocamento deste sujeito rumo ao preenchimento, ainda que provisório, deste vazio. O ato falho é o gesto derivado deste processo de repetição, de elaboração e de organização do sujeito. Este ato falho é o que escapa, transborda deste processo. É o seu rasgo, sua ruptura. Deste modo, o ato falho tem a função de denúncia inconsciente dos vazios contituíntes do sujeito. Algo que escapa e que revela a alienação do homem de si mesmo. A compulsão à repetição se deve à pulsão de morte, ao instinto de retorno ao homem enquanto máquina simbólica. Esta compulsão é que teria o potencial, através da linguagem que o traduz, de trazer as questões que quebram com o mecanismo da harmonia e do equilíbrio. O processo de constituição da subjetividade passa, pois, por dar significados aos desejos materiais mais escondidos, preencher o buraco, o vazio. Assim, é permitido que o sujeito se autodetermine, se conheça e conheça os outros, uma das condições, segundo Lênin, para que a monarquia tsarista desmoronasse. Esta autodeterminação, que corresponde a revelar o outro e a si mesmo, deveu-se, segundo Lênin, aos três anos de batalhas de classe e a “energia revolucionária russa”. Segundo a metáfora de Lênin, a revolução de outubro de 1917 foi “representada’(...) depois de uma dezena de ensaios gerais e parciais; os ‘atores’ conheciam-se uns aos outros, seus papéis, seus lugares, seu cenário, detalhadamente, de

³⁶ LACAN, Jacques. Seminário 11. São Paulo: Jorge Zahar, 2008, p.32;

³⁷ Idem., p.50;

ponta a ponta, até o menor matiz das orientações políticas e métodos de ação.”³⁸ Deste modo, podemos ver a agitação como um dos elementos deste ensaio, desta dinâmica de dramatização, de repetição que liberta, tal como sugere Lênin, em *Que Fazer?*: agitação como denúncia que entusiasma. Mas não somente isto. A agitação como treinamento para momentos de maior pressão, tal como sugere Lênin. A repetição, portanto, aparece para nós como elemento importante na articulação entre o contínuo e o descontínuo, entre a organização e a espontaneidade. Da repetição, do processo repetido, é produzido o disruptivo. Deste modo, Lacan nos auxilia no esforço de demonstrarmos a articulação necessária e, assim, a superação da dicotomia entre as ações espontâneas e organizadas para a constituição do sujeito revolucionário. Aqui, surge o desafio de enfrentarmos o debate acerca da repetição sob duas óticas: repetição como repetição diferencial, como atualização, nos marcos da psicanálise e das greves do século XX, na Rússia; ou repetição como paródia, em que, inicialmente, surge como tragédia e, em seguida, aparece como farsa, nos marcos da denúncia de Marx dos melodramas históricos que marcaram as contrarrevoluções de 1792 e de 1848.

A repetição como atualização se expressa no chamado de Lênin,

“Camaradas operários! Realizastes prodígios de heroísmo proletário ontem, ao derrubar a monarquia tsarista. Tereis inevitavelmente, num futuro mais ou menos próximo (talvez mesmo agora, quando escrevo estas linhas) de realizar novamente prodígios do mesmo heroísmo para derrubar o poder dos latifundiários...”³⁹

Se esta repetição não se traduz pela simples perseverança de um corpo dirigente, tal como afirma Rosa, ela não o dispensa. Ao contrário, as lições de Rosa nos orientam para a compreensão de que esta perseverança requer o diálogo permanente do partido com o instinto, com a energia, com o impulso das massas. Dito de outro modo, a repetição requer vitalidade, caso contrário torna-se farsa, simulação.

Lênin, em *Cartas de Longe*, atenta para o velho, mas eternamente novo, método da burguesia, de enganar o povo. Algo que se repete, mas que não se atualiza, em termos de vitalidade, portanto. Em contraposição às simulações da burguesia, Lênin nos auxilia, recuperando o seguinte provérbio inglês: os fatos são teimosos. Razão pela qual

³⁸ LÊNIN, V. L. *Cartas de longe*.p. In: ZIZEK, Slavoj. *Às Portas da Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2005, p.27;

³⁹ LÊNIN, Wladimir. *Cartas de Longe*, In ZIZEK, Slavoj. *Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2005, p.49;

contrapomos simulação à repetição como insistência libertadora. Neste sentido, a recuperação que faz Lênin da noção marxiana de insurreição como arte, auxilia-nos na compreensão de repetição como libertação. A insurreição como arte se apresenta como êxito atrás de êxito, sem interrupção da ofensiva. As regras desta arte da insurreição dialogam com a necessidade de persistência e de atualização permanente: 1) nunca jogar com a insurreição e, uma vez começada, saber firmemente que é preciso ir até o fim; 2) é necessário concentrar no lugar decisivo e no momento decisivo uma grande superioridade de forças pois de outro modo o inimigo, possuindo melhor preparo e organização aniquilará os insurretos; 3) partir da defensiva para a ofensiva; 4) apanhar o inimigo de surpresa, captar o momento em que suas tropas estão dispersas; 5) obter diariamente êxitos ainda que pequenos, mantendo a superioridade moral.

Disto se extrai que a repetição não é natural. Caso contrário, poderíamos esperar que voltassem as oportunidades para não errarmos novamente. Ao contrário, temos que recriar as oportunidades. Porém, recriar as oportunidades exige permanente contato com as forças reais, pois está nelas a vitalidade que garante consequência à ação organizada. Caso contrário, estaremos diante de uma repetição do mesmo, de uma farsa, de uma simulação que beira o cômico.

São muitos os exemplos de simulação, ao longo da história. Dentre eles, podemos citar a constituição de 1848, na França, cujas modificações, segundo Marx, atingiam apenas o rótulo, não o conteúdo; as táticas do Ministério Barrot e do partido da ordem que fizeram com que toda a França dirigisse petições à Assembleia Nacional, nas quais se requeria seu fechamento e que levaram, assim, as massas desorganizadas do povo à luta contra a Assembleia Nacional, o contrapeso que restava em face do poder do executivo - Bonaparte explorou publicamente essa degradação do poder parlamentar; as encenações de entusiasmo popular praticadas pela sociedade de 10 de dezembro - o exército particular de Bonaparte, composto pelo lumpen-proletariado; o Comitê de Contato criado no período do governo provisório russo, que, segundo Lênin, simulando que era um instrumento de controle sobre o governo provisório, só serviu para o governo explorar o prestígio do Soviete.

Nas palavras de Lênin, “o governo é obrigado a mentir, a manobrar, a ganhar tempo, a ‘proclamar’ e prometer o máximo possível (as promessas são a única coisa barata, mesmo numa época de furiosa carestia) e a cumprir o mínimo possível, a fazer

concessões com uma mão e a retirá-las com a outra.”⁴⁰ A burguesia, através do governo provisório, enganava o povo com a aparência de uma “coligação honesta”. A importância, aliás, atribuída à greve por Lênin estava na capacidade desta forma de luta de destruir o engano, mostrando aos operários que seu ‘benfeitor’, o patrão, é um lobo em pele de cordeiro.

A simulação representa, pois, a perda da vitalidade. Ela se expressa em

“(…) uma república que nada mais é do que a infâmia combinada de duas monarquias, a Restauração e a Monarquia de julho, com rótulo imperialista, alianças cuja primeira cláusula é a separação; lutas cuja primeira lei é a indecisão ; agitação desenfreada e desprovida de sentido em nome da tranquilidade; os mais solenes sermões sobre a tranquilidade em nome da revolução; paixões sem verdade; verdades sem paixões, heróis sem feitos heróicos, história sem acontecimentos; desenvolvimento cuja única força propulsora parece ser o calendário, fatigante pela constante repetição das mesmas tensões e relaxamentos; antagonismos que parecem evoluir periodicamente para um climax unicamente para se embotarem e desaparecer sem chegar a resolver-se...”⁴¹

Deste modo é que podemos dizer que as ações performáticas são paixões sem verdades e verdades sem paixões, ações de heróis sem feitos heroicos. Nas palavras de Marx, “os homens e os acontecimentos aparecem como Schlemihl invertidos: como sombras que perderam seus corpos.”⁴²

O debate acerca da repetição como reprodução ou como atualização possui identidade com o debate acerca da repetição da palavra de ordem: todo poder aos soviets. Para Lênin, era a palavra de ordem do desenvolvimento pacífico da revolução, em que “(...) nenhuma classe, nenhuma força séria, podia então (de 27 de fevereiro até 4 de julho) opor-se e impedir a passagem do poder para os soviets.”⁴³ Mas, segundo Lênin, em julho de 1917, havia cessado a situação revolucionária de instabilidade do poder, que passou, no ponto decisivo, para as mãos da contra-revolução, com o apoio dos socialistas

⁴⁰ LÊNIN, Wladimir. Cartas de Longe, In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p.48.

⁴¹ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Edições Sociais, 1977, p.222;

⁴² Idem., p.222

⁴³ LÊNIN, Wladimir. A propósito das Palavras de Ordem. In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p.70;

revolucionários e dos mencheviques, que dominavam o Soviete de Deputados Operários. Por esta razão é que para Lênin

“A palavra de ordem da passagem do poder para os soviets soaria agora quixotismo ou troça. Seguir esta palavra de ordem, objetivamente, seria enganar o povo, infundir-lhe ilusão de que, mesmo agora, bastaria aos soviets querer tomar o poder ou deliberar isto para obtê-lo, de que nos soviets ainda se encontram partidos não manchados pela cumplicidade com os verdugos, de que é possível fingir que aquilo que aconteceu não tenha acontecido.”⁴⁴

Não se tratava, pois, da questão dos soviets em geral, mas de combater a contrarrevolução do momento e a traição dos soviets do momento. Diante dos riscos da ilusão de os soviets serem tratados como os antigos soviets, Lênin alerta “Não há nada mais perigoso que o engano.”⁴⁵

A solução diante do engano está na luta, que, segundo Lênin, renova os partidos e os soviets: “começa um novo ciclo, no qual entram não as velhas classes, não os velhos partidos, não os velhos soviets, mas classes, partidos e soviets renovados pelo fogo da luta, temperados, instruídos e reconstituídos pelo curso da luta.”⁴⁶

A ideia de repetição como farsa encontra sua fonte em Marx, no 18 Brumário de Luís Bonaparte. A farsa estaria justamente no fato de um personagem medíocre e grotesco, como Luís Bonaparte, desempenhar um papel de herói, diante das circunstâncias criadas pela luta de classe na França. Assim, nas palavras de Marx, é que “(...) a 2 de dezembro, a Revolução de Fevereiro é escamoteada pelo truque de um trapaceiro, e o que parece ter sido derrubado já não é a monarquia e sim as concessões liberais que lhe foram arrancadas”⁴⁷

A formulação de Marx é de que grandes atos não se repetem duas vezes. Caso contrário, primeiro será como tragédia e segundo como farsa. Diríamos, pois, que a catharsis, a hamartia, a hybris e o phatos⁴⁸ não se repetem. Se a histórica trágica é

⁴⁴ Idem., p.71;

⁴⁵ Idem., p. 75;

⁴⁶ Idem., p.75;

⁴⁷ MARX, Karl.O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Edições Sociais, 1977, p. 204;

⁴⁸ Elementos fundamentais da tragédia: a purgação pela produção do terror e da piedade (catharsis), o ato de herói que põe em movimento o processo que o conduzirá à perda (hamartia), o orgulho e a teimosia do herói que persevera apesar das advertências e recusa a esquivar-se (hybris) e o sofrimento do herói que a tragédia comunica ao público, (phatos).

“imitação das ações humanas colocadas sob o signo dos sofrimentos das personagens e da piedade até o momento do reconhecimento das personagens entre si ou da conscientização da fonte do mal”,⁴⁹ é possível pensarmos a tragédia como aquilo que Marx identifica, na Introdução à crítica da Filosofia do Direito de Hegel, como necessário para a tomada de consciência da classe revolucionária: identificar a fonte do mal de todas as classes. Isto nos permite pensar a tragédia como derrota imposta ao adversário. Este grande ato não se repete, se não como farsa. Porém, os pequenos atos a ele acessórios repetem-se por perseverança, como ensaios. Isto significa que repetir grandes atos não só resulta em farsa, em um ato burlesco, cômico, mas também como algo simulado, falso. Repetir a tragédia como farsa cabe apenas como ironia, como contra-propaganda. Assim, a reprodução da tragédia seria como subversão às próprias regras da tragédia, pelo grotesco. Mas não é disto que se trata as ações performáticas. Elas simulam grandes atos, simulam as tragédias. Reproduzem grandes feitos sem a vitalidade dos fatos que insistem. Tratam-se, pois, de repetição como paródia, tal como Marx afirma, ao se referir à burguesia e à pequena burguesia, no processo revolucionário que culminou no Segundo Império na França de 1848:

“(…) justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada.”⁵⁰

E complementa: “Assim, Lutero adotou a máscara do apóstolo Paulo, a Revolução de 1789/1814 vestiu-se alternadamente como a República Romana e como o Império Romano, e a Revolução de 1848 não soube fazer nada melhor do que parodiar ora 1789, ora a tradição revolucionária de 1793/1795.”⁵¹

A repetição como reprodução se expressa nas sucessivas vezes em que o proletariado aliou-se às camadas superiores e foi derrotado por elas. Como recorda Marx, “Assim que impulsiona a revolução o suficiente para se tornar incapaz de levá-la mais

⁴⁹ PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005. Verbete: História Trágica;

⁵⁰ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Edições Sociais, 1977, p.203;

⁵¹ Idem., p.203;

além, e muito menos marchar a sua frente, (o proletariado) é posto de lado pelo aliado mais audaz que vem atrás e mandado à guilhotina.”⁵²

Repetição como atualização, por sua vez, pode ser observada na experiência da Comuna de Paris, através de experiências narradas por Marx, em que o manifesto das seções parisienses “(...) foi seguido de numerosos apelos semelhantes de outras partes da França.”⁵³

Neste sentido, é que Marx destaca a autenticidade da Comuna de Paris:

“em geral, as criações históricas completamente novas estão destinadas a ser tomadas como uma reprodução de formas velhas, e mesmo mortas, da vida social, com as quais podem ter certa semelhança. Assim, essa nova Comuna, que vem destruir o poder estatal moderno, foi confundida com uma reprodução das comunas medievais, que precederam imediatamente esse poder estatal e logo lhe serviram de base.”⁵⁴

A comuna não se tratava, portanto, de uma repetição de um federalismo para descentralizar, ao estilo de Montesquieu. Era a criação de uma federação livre de todas as comunas da França. Segundo Marx, “A comuna era (...) a verdadeira representação de todos os elementos sãos da sociedade francesa, e, portanto, o governo nacional autêntico.”⁵⁵ Esta é a razão pela qual Marx contrapõe à farsa de Bonaparte, a autenticidade da luta revolucionária:

“Luís Bonaparte lançou às ruas a banda de 10 de dezembro, disfarçada com camisas de operários para representar as contorsões da febre guerreira. Os operários autênticos dos subúrbios lançaram-se também às ruas em manifestações públicas de paz tão grandiosas que Pietri, o chefe de polícia, considerou prudente pôr termo imediatamente a toda política de rua (...)”⁵⁶

Conclusão

⁵² Idem., p.221;

⁵³ MARX, Karl. Guerra Civil em França. São Paulo: Edições Sociais, 1977, p.169;

⁵⁴ Idem., p.198;

⁵⁵ Idem., p. 203;

⁵⁶ Idem., p.170;

Ao nos desafiar a pautar a ação revolucionária nos dias de hoje, fomos levados a pautar e procurar superar dicotomias como espontâneo e organizado, estático e energia, constituinte e constituído. Ao mesmo tempo, porém, que tentávamos superar tais polarizações, conformamos outra em torno da vitalidade e do simulado.

A figura da repetição ganha contornos positivos para nós como de uma junção entre imanência, estrutura e ruptura. Repetir como atualizar aparece como força organizada e organizadora, em um processo permanente de deslocamentos. Tal como “reorganizar a agitação”⁵⁷ de que fala Lênin. Entretanto, deparamo-nos com o desafio da repetição como o mesmo, como reprodução, que, nos marcos do debate, enquadra-se no conceito de burocratização. A partir daí foi possível entender as ações simuladoras de acúmulo de forças - as ações performáticas -, como farsas, em que ações isoladas, esporádicas e de vanguarda se disfarçam de ações diretas de massa, quase espontâneas. Marx nos alertava: “(...) assim como na vida privada se diferencia o que um homem pensa e diz de si mesmo do que ele realmente é e faz, nas lutas históricas deve-se distinguir mais ainda as frases e as fantasias dos partidos de sua formação real e de seus interesses reais.”⁵⁸ Esta era a razão pela qual Marx tratou o partido democrático francês como aquele que mais exagerava os meios que dispunha, mais se iludia, cuja potência, na prática, se mostrava impotente.

Neste sentido, o ato isolado, efêmero e simulado é disfarce para velar o processo de burocratização da esquerda revolucionária, sob o pretexto de se tratar de ação direta. Assim, de grande gesto a ação torna-se o vazio. A ação revolucionária, ao contrário, deve carregar nela mesma toda a dramaturgia que a antecede, na esteira do que Brecht compreende por gesto. Por esta razão é que, ao constarmos os limites da ação performática, não estamos com isto rejeitando da ideia de gesto como sintetizador das ações revolucionárias. Significa que ela é a dramaturgia sublinhada, duplamente restaurada, ou, como preferimos chamar, a síntese sublinhada.

Sublinha-se a dramaturgia, a performatiza, tal como se fez na Comuna de Paris, no dia 6 de abril, em que o 137º Batalhão da Guarda Nacional trouxe para as ruas a guilhotina e a queimou, em meio ao entusiasmo popular, ou como no dia 12, em que a Coluna Triunfal da praça Vendôme, fundida com o bronze de canhões conquistados por

⁵⁷ LÊNIN, Wladimir. Cartas de Longe, In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 74;

⁵⁸ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Edições Sociais, 1977, p.225;

Napoleão depois da guerra de 1809, foi demolida, como símbolo do chauvinismo e da incitação ao ódio entre as nações, ou como a 5 de maio, de terminou a demolição da Capela Expiatória, erigida para reparar a execução de Luís XVI, foi demolida.

REFERÊNCIAS:

BRECHT, Bertold. A short organum for the theatre, Brecht on Theatre: The Development of an Aesthetic. London: Methuen, 1964;

LACAN, Jacques. Seminário 11. São Paulo: Jorge Zahar, 2008;

LÊNIN, V. L. Cartas de Longe, In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005;

_____. Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução (Teses de Abril), In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005;

_____. A propósito das Palavras de Ordem. In ZIZEK, Slavoj. Às Portas da Revolução – escritos de Lênin de 1917. São Paulo: Boitempo, 2005;

LUKÁCS, Gyorgy. Prolegômenos para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo, 2010, p

_____. História e Consciência de Classe – Estudos sobre a Dialética Marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003;

MARX, Karl. Lutas de Classe na Alemanha. São Paulo: Boitempo, 2010;

_____. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Edições Sociais, 1977;

_____. Guerra Civil em França. São Paulo: Edições Sociais, 1977;

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005;

RECEBIDO EM 17-04-2016

APROVADO EM 27-10-2016